

VIDAS IMPORTAM



Frente de movimentos defende a necessidade de políticas que valorizem a vida, a ciência e o SUS

LUIZ FELIPE STEVANIM E MONIQUI FRAZÃO*

A vida é o bem mais precioso da pessoa humana, a ciência deve guiar o planejamento das políticas públicas e o SUS é uma ferramenta imprescindível para preservar vidas. Afirmar esses princípios básicos torna-se vital diante da crise sanitária, econômica, social e política vivida pelo Brasil com a pandemia de covid-19 e é o propósito do movimento Marcha pela Vida, que ocorreu de modo virtual, em 9/6, com a participação de mais de 500 organizações da sociedade civil em todo o país. A mobilização partiu do lançamento da Frente pela Vida, em 29/5, por iniciativa de instituições científicas e de direitos humanos, como a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e o Conselho Nacional de Saúde (CNS). O movimento afirma ainda valores como a solidariedade, sobretudo com os grupos mais vulneráveis, a defesa da democracia e o respeito ao meio ambiente.

Somente a ciência pode mostrar o caminho para enfrentar a pandemia de covid-19 e salvar vidas. Com base nessa premissa, a Frente reivindica tanto da sociedade quanto dos governantes que valorizem uma prática de cidadania orientada pela solidariedade e pela dignidade humana, “baseada na democracia e na busca de soluções conjuntas para o bem comum de toda a população”, segundo seu manifesto. Como ressaltou Gulnar Azevedo, presidente da Abrasco no lançamento da Frente (29/5), somente será possível impedir que o número de mortes continue aumentando com medidas que respeitem a ciência e fortaleçam o SUS, para que ele tenha condições de atender à população. “Temos que exigir que as medidas de prevenção e vigilância sejam cumpridas em todas as esferas do governo. Precisamos de muita solidariedade, principalmente aos que vivem em situações de maior vulnerabilidade”, pontuou.

O manifesto da Frente chama atenção para os números da doença no Brasil, que fazem do país o epicentro da pandemia na América Latina. O grupo defende ainda que não há oposição entre medidas que favoreçam a saúde e que privilegiem a economia; ao contrário, não há saúde sem garantia de condições adequadas de vida, sobretudo para as pessoas mais pobres. “Temos que cobrar do Estado que ele cumpra o seu papel, criando condições urgentes e sustentáveis para amparar e garantir que todos possam se proteger com as medidas de distanciamento social e isolamento”, acrescentou Gulnar.

Além de Abrasco, SBPC, CNS e CNBB, outras cinco instituições participaram do lançamento da Frente: a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), o Centro Brasileiro de Estudos da Saúde (Cebes), a Sociedade Brasileira de Bioética (SBB) e a Rede Unida. Para Ildeu Castro, presidente da SBPC, a mobilização pretende chamar atenção da sociedade brasileira para a importância da vida “como um direito relevante, inalienável da pessoa humana, sem distinção de qualquer natureza”. “Esse é um direito fundamental que está na Constituição Brasileira e que nos une”, afirmou.

#PELAVIDA

Para reforçar a defesa da vida e em respeito às medidas de distanciamento social, a marcha foi organizada nas redes sociais e conseguiu ficar entre os assuntos mais comentados do Twitter, com as hashtags #MarchapelaVida e #FrentepelaVida e o “tuitaço” promovido no dia 9/6. As entidades participantes promoveram eventos e discussões online durante todo o dia para reivindicar a promoção de políticas públicas que respeitem a vida e outros valores fundamentais.

No ano em que a Fiocruz completa 120 anos, a instituição também se somou aos debates que ocorreram em defesa da ciência e da saúde a serviço da vida e do bem-estar da sociedade. Para a presidente da fundação, Nísia Trindade Lima, a pandemia é um fenômeno biológico, ambiental, econômico e social e precisa ser vista em todas essas perspectivas. “A desigualdade é um fator chave para entender a dinâmica da covid-19 no Brasil”, pontuou no painel online “Desafios de hoje e de amanhã” (9/6). Nísia enfatizou ainda que o SUS é “uma fortaleza nacional para garantir acesso universal, equânime e integral” à população e que esse é o momento de dar vez e voz à ciência. “Entendemos a pandemia como um grande marco do século 21”, completou, ressaltando a necessidade de fortalecer ações em pesquisa e inovação.

CONTRA O NEGACIONISMO E A NECROPOLÍTICA

A mobilização ocorreu em um momento sensível da crise vivida pelo Brasil com a pandemia de covid-19. No dia da marcha, 9/6, o país já ultrapassava o número de 37 mil mortos pela doença e 700 mil infectados — com crescimento acelerado nos

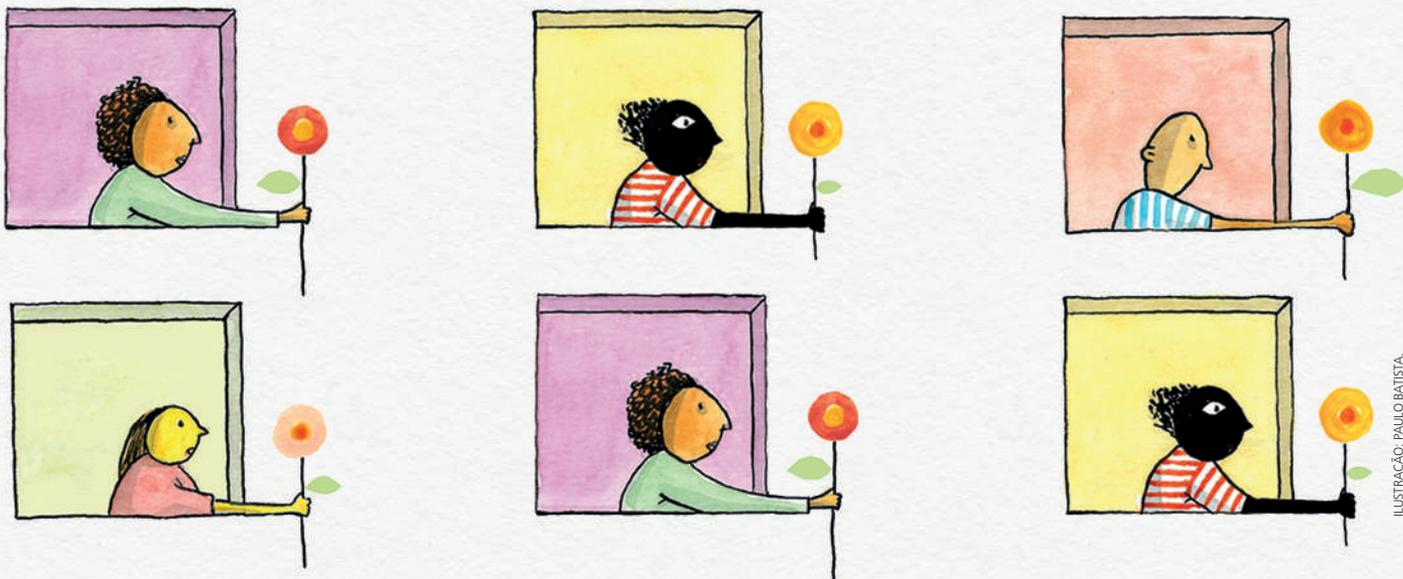


ILUSTRAÇÃO: PAULO BATISTA

dias seguintes. Nesse contexto, a marcha convocou a sociedade civil a agir. Durante o ato político ocorrido de maneira virtual, representantes das entidades organizadoras, artistas, intelectuais e parlamentares discutiram o contexto atual da pandemia e reforçaram a necessidade de ação conjunta para enfrentar a crise.

O negacionismo científico e a chamada necropolítica também foram citados como obstáculos a serem superados. “O contexto político negacionista, que deixa de reconhecer a grandeza do problema que estamos enfrentando, desafia as afirmações científicas e contribui para a confusão generalizada”, afirmou a deputada federal Margarida Salomão (PT-MG), da Frente de Valorização das Universidades. “É muito importante que as atitudes em defesa da vida aconteçam agora para que, depois da pandemia, a gente possa ter o que colher. Senão a gente vai colher mais desigualdade e mais morte”, disse Marcelo Freixo, deputado federal (PSOL-RJ) e integrante da Frente em Defesa da Democracia.

Para o presidente da CNBB, Dom Walmor de Oliveira, “marchar pela vida” é, simbolicamente, “enfrentar essa cultura da morte”. O conceito de “necropolítica” foi cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe para se referir à forma de fazer política que gera mortes: na “política da morte”,

algumas vidas teriam menos valor e poderiam ser perdidas (Radis 205). Para Túlio Franco, da Rede Unida, a defesa da vida passa pelo fortalecimento da “ciência como parâmetro para o enfrentamento da doença e da pandemia”. “Defender a vida para nós é defender o SUS, a sua integralidade, esse gigante que está combatendo a pandemia de covid-19, apesar de todas as dificuldades desse momento”, sintetizou.

Já Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências, ressaltou que é preciso lutar contra a desigualdade. “Ela é fonte da fragilidade na saúde dos brasileiros e do atraso do Brasil em relação a outros países, e também impede que tenhamos um desenvolvimento sustentável”, pontuou. Deborah Duprat, integrante do Ministério Público e ex-titular da Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão (PFDC), mostrou preocupação em relação ao desinvestimento em políticas públicas e à perda de recursos para o SUS. Para ela, a covid-19 chegou ao Brasil no contexto de fim do Programa Mais Médicos, redução no orçamento de Ciência e Tecnologia e cortes nas universidades. “Portanto, é hora de termos de fato que investir na vida, porque o investimento na morte é grande”, ressaltou. 

■ *Estágio supervisionado

SEIS PILARES DA FRENTE PELA VIDA

- Direito à vida como bem mais relevante e inalienável da pessoa humana
- A ciência é a chave para o enfrentamento da covid-19
- O SUS é essencial para preservar vidas
- Valorização da solidariedade, em especial para com os grupos mais vulneráveis da população
- Preservação do meio ambiente e da biodiversidade
- Defesa da democracia e respeito à Constituição

● Saiba mais: <https://bit.ly/3fzqEuN>

